

M I C K K I T S O N



O REFÚGIO

TRADUÇÃO DE FABIANA COLASANTI



Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Capítulo Um: Armadilhas

Capítulo Dois: Tiros

Capítulo Três: Anzóis

Capítulo Quatro: Neve

Capítulo Cinco: Pássaros

Capítulo Seis: Cidade

Capítulo Sete: Ingrid

Capítulo Oito: Febre

Capítulo Nove: Cogumelos

Capítulo Dez: Acampamento

Capítulo Onze: Comida

Capítulo Doze: Magna Bra

Capítulo Treze: Esquis

Capítulo Quatorze: Carro

Capítulo Quinze: Gelo

Capítulo Dezesesseis: Névoa

Capítulo Dezesete: Neblina

Capítulo Dezoito: Casa

Agradecimentos

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Para meus pais, Babs e Terry Kitson

Capítulo Um

Armadilhas



— Frio — disse Peppa, depois ficou calada por um tempo. Aí continuou: — Frio, Sal. Estou com frio.

Sua voz era baixa, suave e sussurrante. Não estava normal. Fiquei com medo de ser hipotermia. Já vi em algum lugar que isso faz a pessoa ficar toda lenta e calada. Então botei a mão nas costas dela, estavam quentes, e a barriga também. Peppa foi logo dizendo:

— Deixa de ser sapata, sua pedófila.

E foi aí que eu soube que ela não estava com hipotermia.

Mas estava mesmo frio. Era a noite mais fria desde que tínhamos chegado aqui. Eu sabia que o vento tinha virado para o norte por causa da bússola, e o abrigo ficava de frente para o sudeste, porque o vento de oeste predomina aqui. Então, naquela hora, o vento estava vindo pelo topo, onde estávamos deitadas nos galhos das árvores. Peppa não tinha gorro. Fiquei de fazer um para ela depois que pegássemos uns coelhos, mas eu ainda nem tinha botado as armadilhas. Tirei meu gorro e enfiei na cabeça dela.

— Está melhor? — sussurrei em sua orelhinha.

Mas ela voltara a dormir. Eu já estava acordada e comecei a ficar meio preocupada. Cronometrava a preocupação pelo relógio do celular. Quase toda manhã, eu passava dez minutos me preocupando, mas isso tinha aumentado nas últimas semanas, com tanta coisa para

resolver e planejar antes de a gente fugir. Eu teria que adivinhar a hora. Sentia que estava quase amanhecendo. Não havia luz, mas dava para sentir alguma coisa. Quase sempre consigo dizer que horas são. Não sei como, mas antes costumava ser importante saber. Porque, por exemplo, mamãe e Robert sempre voltavam logo depois das onze da noite. E, depois que botei uma tranca na porta da Peppa, eu sempre ia me assegurar de que estava trancada e de que ela estava lá dentro, dormindo, logo antes de os dois chegarem.

Eles nem sabiam da tranca. Não sabiam que eu tinha roubado uma minifuradeira e duas talhadeiras. Cortei as etiquetas de alarme com um cortador de unha. Comprei um trinco grande e assisti a cinco vídeos no YouTube antes de instalar tudo. Eles nem perceberam os três buraquinhos minúsculos que furei para a chave, já que a tinta das portas do apartamento estava toda arranhada e marcada, mesmo. E Peppa ganhou a chave. Robert não tinha como entrar, nem se tentasse. E ele nunca tentou. Se eu tivesse colocado uma tranca na minha porta, Robert teria derrubado tudo com um chute e acordado Peppa. Mas não teria acordado a mamãe, porque ela sempre apaga quando fica bêbada, não tem nada que consiga acordá-la.

E Robert ainda não tinha começado a entrar no quarto da Peppa naquela época, mas eu sabia que isso logo ia mudar, porque ele me disse que ia entrar logo, logo. E Peppa tinha dez anos, e foi quando eu tinha essa idade que ele começou comigo.

Então achei que dava para tirar meus dez minutos de preocupação. Eu sabia que logo ia começar a ficar claro. O Manual de Sobrevivência do SAS diz que é preciso fazer uma fogueira do tamanho do seu corpo ao longo de um abrigo coberto e, então, construir uma barreira com gravetos por trás, para refletir o calor. Eu ainda não tinha feito isso, já que não tinha certeza de que era ali que íamos ficar. Mas tudo bem. Era uma pequena planície um pouco acima do riacho, e havia grandes

bétulas por toda parte. Nós tínhamos amarrado a lona em duas das árvores, para fazer o abrigo. Era uma lona camuflada marrom e bege salpicada de pontinhos amarelados, como se fosse uma camuflagem para desertos. Mas funcionava bem — eu corri para longe, me enfiei na floresta e tentei ver de cima, por entre as árvores. Não tinha como ver nosso abrigo dali, tudo certo.

Só que dava para saber que havia alguém lá, já que eu ouvi Peppa berrando sem parar:

— Sal, vem aqui, você precisa ver isso!

Era um sapo, que ela começou a acariciar.

— Isso nas costas dele é veneno, para impedir que seja comido pelos predadores — expliquei.

— Eu não vou comer o sapo, Sal — disse ela. — Você vai? Eu não quero. Vou fazer uma casa para ele.

E ela fez uma casinha com pedras achatadas e seixos e colocou o sapo lá dentro. Falou que o nome dele era Connor, em homenagem a um garoto da escola de quem ela gostava.

Eu ficava pensando no fogo, com medo de que as pessoas vissem. Nem tanto durante o dia, mas à noite. Se a madeira está seca, não sai muita fumaça de uma fogueirinha em pirâmide. Só faz fumaça se a madeira estiver molhada ou verde demais. E o vento sopra a fumaça para longe. Estávamos na última grande região selvagem do Reino Unido, a exatamente doze quilômetros da habitação humana mais próxima, mais ou menos seis quilômetros de uma trilha na floresta e a oito quilômetros de uma estrada. Escolhi este lugar com muito cuidado, usando um mapa do Levantamento Cartográfico das Ilhas Britânicas. Estávamos oitocentos metros floresta adentro, atrás de uma cordilheira cujo topo tem pouco mais de novecentos metros. Na verdade, com mais nove metros já seria considerada uma montanha do tipo Munro, com um monte de alpinistas e tarados usando capa de

chuva para tudo que é lado.

Lá no topo não tem árvores, e sim, de acordo com o mapa, um círculo de pedras. A colina tem algum nome em gaélico, e, quando perguntei, a sra. Kerr disse que se pronunciava *Magna Bra*. Contei para Peppa, que quis ir para lá porque eu disse que *Magna* significa grande em latim, e ela ficou encantada e saiu saltitando por aí, dizendo que se *Magna* é grande em latim, então *Bra* é sutiã em inglês. E não parava de dizer que o Magna Bra era um *sutiã bem grandão*. Minha irmã é uma garotinha de mente suja e precisa parar de falar tanta barbaridade.

À noite, dava para ver o fogo brilhando de muito longe. Não do lado da lona, do outro. Então pensei que se construísse a tal barreira que aparece no manual, isso ia bloquear a luz à noite, pelo menos da parte leste. A estrada está a leste, e seria por lá que chegariam, se viessem até aqui. Mas não vejo como poderiam vir nem como iam saber que estamos aqui.

Depois de me preocupar, decidi fazer a barreira hoje e depois instalar as armadilhas. Tínhamos comida suficiente para mais dois dias, pelo menos era o que eu achava. Ou três, se eu não comer e deixar só para Peppa. Então precisávamos começar a montar armadilhas e caçar. Eu estava com a espingarda de ar comprimido do Robert. Ela era curta, daquelas que tem que bombear. Atirava chumbinhos calibre .22, e eu tinha duas latas de munição. Ainda não tinha deixado Peppa pegar na arma, porque ela podia atirar em si mesma ou em mim sem querer. Mas eu atiro bem. Treinei no corredor do apartamento e desenvolvi um jeito de ajustar a mira para aumentar o alcance. Também vi um vídeo do YouTube sobre a arma, isso três dias antes de irmos embora. Com sete bombeadas, o tiro pode atravessar um pedaço de compensado de nove milímetros. Eu trouxe a espingarda em uma capa de taco de hóquei com zíper que encontrei no vestiário da escola.

Estava ficando claro. Em outubro, significava que eram mais ou

menos sete e vinte da manhã. Peppa estava dormindo em seu saco, e eu me arrastei para fora do abrigo, para não acordá-la. As folhas caídas no chão eram de um amarelo-claro e reluziam conforme a luz do dia começava a aparecer por entre as árvores. As bétulas também reluziam. A bétula é uma árvore branca, boa para a barreira, porque o branco reflete a luz e o calor. Soprei as brasas e alimentei a fogueira com uns galhinhos de pontas queimadas. Eu também tinha colocado uma pilha de galhos para secar em cima de uma pedra plana durante a noite e, depois que o fogo pegou, construí uma pirâmide por cima. O fogo chiou e soltou fumaça, e peguei uma estrutura de aço e coloquei em cima, aí botei a chaleirinha para ferver. Tínhamos saquinhos de chá, leite de caixinha e pacotinhos de açúcar do McDonald's. Um monte.

O sol tinha nascido e brilhava forte, e o vapor subia em fiapinhos brancos. Brilhos minúsculos do gelo reluziam nas bordas das folhas e dos gravetos, e o vento baixara, então a fumaça subia direto pelo meio das árvores. Estava bem silencioso, só o som do chiado do fogo. Aí pude ouvir pássaros e grasnados de corvos. Nenhum barulho de estrada, de tráfego ou de veículo em rodas. Nenhuma pancada ou xingamento. Nenhuma TV. Ninguém gritando.

Eu tinha quatro armadilhas de arame torcido, com argolinhas douradas onde o arame fazia um laço e um cordão verde preso a uma pequena estaca de madeira. Era para colocar nos lugares onde os coelhos passavam e largar lá a noite toda. Eu tinha visto isso no YouTube, em um canal de sobrevivência na mata. Parecia fácil, e o coelho já estava morto quando você voltava. Mas se eu tivesse que matar um, tudo bem. Nunca fiz isso. Nunca tinha matado nada, a não ser Robert.

O vídeo dizia para enterrar as armadilhas por algumas horas, para tirar o cheiro de gente, então tirei as armadilhas da mochila da Peppa e as cobri com as folhas. Tinha comprado tudo em uma loja de

equipamento de pesca na cidade, usando o dinheiro que peguei de um dos cartões do Robert. Ele sempre tinha cartões, quando voltava de onde quer que fosse. Eu os roubava quando ele estava dormindo, bêbado.

O negócio com mamãe e Robert era que os dois nunca percebiam nada. Se algo estava diferente ou se tinha mudado de lugar, eles nem se tocavam. Eu sabia onde estava tudo no meu quarto e no resto do apartamento. Sabia quantas xícaras tínhamos, quantas colheres. Sabia quanto leite havia, quanto detergente. Eu observava tudo o tempo inteiro. Fazia isso desde bebê. Observava o que as coisas eram e onde ficavam e percebia quando mudavam de lugar, ficavam diferentes ou sumiam. Mamãe e Robert não percebiam nada.

Mamãe era a pior. Não prestava atenção nem nas latas, nunca sabia quantas ainda tinha na geladeira. Eu sabia. Eu as escondia, e mamãe não percebia se havia duas, em vez de três. Às vezes, se tomasse só duas, ela ficava bem. Eu tinha percebido isso anos antes, então escondia algumas e sempre só deixava duas. E, quando ela se recuperava da bebedeira e ia atrás de mais cerveja, eu dizia que só tínhamos mais duas latas. Ela comentava que achava que tinha comprado quatro, e eu respondia que não, que ela já devia ter bebido. E ela concordava, dizendo “é verdade”. Quando Peppa começou a roubar os cigarros, ela também não notou.

Robert também não percebia nada, porque estava quase sempre bêbado ou chapado, ou as duas coisas. E, mesmo que ele olhasse atentamente para as coisas por muito tempo, nunca notava se algo tinha sumido ou se eu mudara as coisas de lugar ou comprara alguma coisa. Robert estava sempre com os olhos meio fechados, como se não estivesse conseguindo enxergar muito, e estavam sempre vermelhos por causa da maconha ou da biritá. O pouco de branco que dava para ver era amarelo.

A lona, a faca de caça, a estrutura da chaleira e até os tênis de caminhada da Peppa chegaram todos pelo correio, tudo comprado na Amazon, tudo com os cartões roubados que Robert trazia para casa e guardava na gaveta da mesinha de cabeceira. Eu tomava muito cuidado na hora de roubar os cartões ou pegar a carteira dele. Uma vez, Robert estava apagado, deitado no sofá, e tentei puxar a carteira de seu bolso de trás, e ele meio que acordou e me agarrou, dizendo que ia cortar a porra das minhas mãos fora. E aí caiu no sono de novo, então eu peguei a carteira.

A única coisa em que ele ficava de olho era em mim. Sempre perguntava “Tudo bem, minha querida?”. Uma vez, disse que eu era filha dele para um cara na barraquinha de peixe com fritas. Eu quis responder que “Não sou sua filha coisa nenhuma”, mas ele estava bancando o machão, passando o braço em volta dos meus ombros, dizendo “Esta é a minha menina, a Sal”. Se eu falasse qualquer coisa ele ia fazer com que fosse pior mais tarde, então só fiquei na minha e não falei nada.

Peppa acordou perguntando:

— O Connor ainda está aí, Sal?

Então fui até lá e levantei a pedra da casinha. E ele estava. Parecia confortável e úmido ali debaixo, nas folhas e na lama. Peppa respondeu que era “Genial!”, saiu de vez do saco de dormir e começou a calçar os sapatos. Eram tênis de oitenta e quatro libras, comprados na Amazon, com solas Vibram, as melhores para caminhar e escalar.

Acho que Peppa consegue correr mais rápido do que qualquer pessoa no mundo. Ela tem pernas superlongas e corre na velocidade do vento. Era mais rápida do que todos os garotos da escola, até os mais velhos que ela. Na verdade, Peppa faz tudo rápido. Ou está imóvel que nem uma pedra, ou está fazendo as coisas muito rápido. Ela come rápido, fala rápido.

Aliás, Peppa come qualquer coisa e está SEMPRE com fome. Quando a gente era pequenininha, passava muita fome, porque a mamãe quase nunca aparecia em casa ou estava bêbada, ou então não tinha dinheiro para ir ao mercado, e Peppa ia nos outros apartamentos do beco e pedia comida. Ela aprendeu a comer qualquer coisa, não era como a maioria das crianças, que odeia legumes e só quer batata frita.

Mas Peppa mendigava batata frita, lá no bar de peixe e fritas, e pedia comida para as crianças na escola. E para os professores. Até que eu tive que mandar ela parar e arranjar comida para ela, porque se as pessoas saíssem falando, o juizado ia levar a gente embora. O juizado vive levando crianças e sempre separava os irmãos. Então eu não dizia nada para ninguém, e mamãe avisou que a gente seria tirada dela e separada se o juizado viesse. Por isso, eu roubava comida direto e trazia pacotes de salada e cenouras para Peppa. Uma vez, trouxe até umas beterrabas cozidas, e ela adorou. Peppa parou de mendigar comida, e ninguém contou nada ao juizado.

E, quando Robert vinha para cima de mim, dizia que, se eu contasse, mesmo que fosse só para mamãe, eu e Peppa seríamos levadas e separadas. Ele falava que Peppa seria adotada por africanos, porque é metade africana, e que eu seria adotada por gente velha, e a gente não ficaria juntas. E isso nunca vai acontecer.

Então comer de tudo, que nem Peppa, acaba sendo bom para a sobrevivência. Já sentir fome o tempo inteiro, que nem Peppa, não é tão bom assim. E Peppa já veio dizendo “Sal, estou morrendo de fome”, então dei um pouco do bolo de frutas e amêndoas e quatro biscoitos doces e respondi que íamos pegar coelhos, e ela perguntou se era para comer. Então eu disse que sim, e ela respondeu que achava ótimo.

Peppa deu uma olhada no Connor, abrigado debaixo das pedras, e o pegou. Connor ficou sentado na mão dela, e Peppa começou a

conversar com o sapo sem parar. Disse seu nome e o meu nome e de onde éramos e por que estávamos na floresta. Aí o botou de volta na casa de pedras e vestiu a capa impermeável.

Os coelhos não hibernam, e tem um monte deles na floresta de Galloway. Eles moram em tocas no pé das colinas e em encostas onde há mato e grama cobrindo o chão. O que mais comem é grama, não cenouras ou alface, que nem o Pedro Coelho na TV. Já era outono, e quase todos os sites diziam que a floresta estaria cheia de coelhos e que era só procurar rastros na grama para botar as armadilhas. Eu nunca tinha instalado uma armadilha nem estripado ou tirado a pele de um coelho, mas tinha visto isso um monte de vezes no YouTube.

Tirei as armadilhas de debaixo das folhas e da lama e guardei no bolso do casaco. A faca estava em uma bainha no cinto.

Descemos do abrigo, andando ao longo do córrego, que atravessamos pulando as pedras, então subimos uma encosta onde as árvores eram menos densas e havia grama e samambaias. Peppa saiu correndo. As samambaias estavam ficando marrons, mas ainda estavam bem altas, e ela se perdeu lá no meio, só dava para ver seu cabelo vermelho aparecer de vez em quando. Eu fiquei olhando o chão, procurando rastros. Vi algumas trilhas feitas por animais e pegadas de cervos na lama, assim como outras pegadas que eu precisava verificar depois no Manual de Sobrevivência do SAS. Subimos até o terreno ficar plano, e depois disso havia outra longa encosta que descia na direção do lago, lá no final. Peppa desceu correndo. Eu queria mandar ela parar, porque a movimentação poderia assustar os bichos, mas era impossível deter Peppa quando ela saía correndo daquele jeito. Eu já a vira disparar assim, pulando por cima de troncos caídos e arbustos baixos, rápida e faceira, como se tivesse rodas no lugar dos pés. Mas então ela parou de repente e gritou:

— Sal!

Desci na direção dela, parada onde as árvores ficavam esparsas, quase todas bétulas e carvalhos muito antigos, algumas com galhos enormes, mais largos que eu, pendendo até a relva. E Peppa apontava para a frente.

— Olha aquilo — disse ela.

Eram tocas de coelho, e três estavam pontilhadas de cocô em volta. Quando olhei, vi outras, algumas mais ao fundo, na direção de um carvalho, e os buracos estavam cobertos pela relva. Eram nove, algumas abandonadas e sem cocozinhos em volta, mas outras com lama fresca escura empilhada do lado de fora, marcando o ponto onde os coelhos tinham cavado. Dava para ver rastros saindo dos buracos, marcas ligeiramente mais claras pela grama. As trilhas iam quase todas descendo a encosta em direção ao lago. Quanto mais lá embaixo, mais verde e densa a relva, com menos árvores e samambaias.

— É um sistema de tocas — expliquei.

— Então instala as armadilhas logo — disse Peppa.

— Não dá para instalar as armadilhas perto das tocas, os coelhos vão só desviar. Bear Grylls disse que temos que nos afastar das tocas seguindo um rastro e instalar as armadilhas mais longe.

— Eu vi esse vídeo, Sal, e ele não pegou nenhum! Teve que comprar um coelho para cozinhar. Idiota.

Peppa tinha razão, mas Bear Grylls mesmo assim sabia do que estava falando, porque era do Serviço Aéreo Especial, o SAS, e sobreviveu em vários lugares pelo mundo todo, pulando em pântanos e em lagos congelados, mesmo sem precisar. O cara é um idiota mesmo, mas ele deve ser assim porque é chique e inglês. Quase todo mundo nos programas de sobrevivência na TV é chique e inglês, como Ray Mears e Ed Stafford. E quase todos os ingleses chiques são idiotas. Mesmo assim, eu comprei uma faca do Bear Grylls na Amazon, e era maravilhosa, a mesma que ele usava, com uma lâmina bem afiada.

— Não chama o Bear de idiota, Peppa.

Ela repetiu o xingamento e saiu correndo encosta abaixo.

Escolhi um rastro e segui em frente, passando por mais samambaias amarronzadas, mas ficava o tempo todo olhando para a pedra. E eu já tinha descido uns cinquenta metros quando cheguei a uma parte só de relva, daquelas bem aveludadas de folhas grossas, de um verde bem claro, e o rastro passava bem pelo meio. Aí ouvi Peppa gritando “Coelho!” e sair correndo atrás dele, subindo a encosta na minha direção. O coitado disparou pelas samambaias, entrando na clareira onde eu estava, Peppa quase alcançando o bicho, até que ele deu uma guinada brusca quando me viu. Peppa estava com a cara de quando ela corre, meio que mordendo o lábio inferior e empurrando com a língua ao mesmo tempo. Quando o coelho desviou, Peppa tentou mudar de direção, mas estava tão veloz que caiu e rolou pelas samambaias, que quebraram e chiaram.

— Desgraçado! — resmungou ela.

— Corre até aquela árvore e pega uns gravetos — pedi, e ela disparou na direção da árvore.

São os gravetos que mantêm a armadilha aberta, e ela tem que ser instalada um palmo acima do chão, para ficar alinhada com a cabeça do coelho. Peguei a primeira armadilha e esfreguei um pouco de lama para disfarçar o cheiro de gente, mas coelhos não têm o olfato apurado, como ratos ou toupeiras; coelhos têm boa audição e se comunicam batendo no chão, para advertir uns aos outros. E também têm uma visão ótima, então enrolei talos longos de grama em volta do cobre, para camuflar mais o brilho.

Peppa voltou correndo com os gravetos, que eu finquei no chão para instalar a armadilha aberta em cima da trilha, depois bati bem na trava com o cabo da faca. Peppa perguntou se aquilo ia pegar um coelho, e eu respondi que ia sim. Que teríamos que deixar ali durante

a noite, mas que ia funcionar.

E eu acreditava mesmo que ia, porque, se você acredita que uma coisa vai acontecer, acontece. Então é bom tomar cuidado com o que você acredita que vai acontecer. Eu *acreditei* que ia fazer Robert parar e deixar mamãe segura por mais de um ano, e aí aconteceu.

Instalamos mais três armadilhas, uma naquela mesma trilha, só que mais para baixo, e mais duas em outra que corria paralela ao lago lá embaixo. Aí fomos bem para fora da área onde eu achava que os coelhos estavam, para que não ficassem com medo de descer a encosta até o lago.

— Vamos lá no lago — disse Peppa, e saiu correndo no meio das samambaias e das árvores na direção da água.

Tentei calcular a quantos metros a gente estava do lago. Estimei que eram uns setenta, e eu sabia que minha passada tinha noventa centímetros, porque tinha medido. Então calculei que, com setenta e sete passos em linha reta, seriam mais ou menos setenta metros (é só dividir sete mil centímetros por noventa, que dá aproximadamente 77,7). Essa foi uma das coisas que aprendi a fazer: calcular distâncias. E sou boa em matemática, entendo cronogramas e sei dividir de cabeça. Então, se precisar, sei calcular a distância de alguma coisa ou quanto tempo leva para a coisa chegar a mim, e isso é importante para a sobrevivência. Dei setenta e sete passadas em linha reta e cheguei ao lago, com a praiazinha de seixos. A água estava a uns cinquenta centímetros de onde parei, então até que minhas contas deram certo.

O lago era bem comprido e fazia uma curva lá na frente, então da praia não dava para ver o final, apesar de dar para ver de cima da encosta. Árvores desciam até a água, menos no pedaço em que estávamos. A água formava uma praiazinha e, por causa do ângulo da encosta atrás de mim, estimei que, três metros para dentro da água, a profundidade era de mais ou menos um metro e meio. Mas era difícil

ter certeza, porque podia ter buracos ou valas na pedra debaixo d'água, o que torna o rio mais fundo. A água estava calma e parada. A brisa do norte tinha diminuído, e a água era como um painel de vidro ou de aço polido. Era marrom e meio amarelada, mas mesmo assim dava para ver bem e ficava mais transparente lá para o fundo, porque não tinha chovido quase nada naquela área havia umas três semanas. Eu tinha verificado todos os dias antes de irmos.

Peppa estava se equilibrando em cima de uma pedra um pouco mais à frente. Para chegar nela, você tinha que subir vários degraus de pedras menores na praia.

— Cuidado para não molhar os tênis, Peppa — alertei.

— Tá bem. Ei, Sal, estou vendo peixes aqui... uns pequenininhos listrados.

A verdade era que ela *podia sim* molhar os tênis, já que eram feitos de Gore-Tex, um material impermeável e respirável. Mas se a água molhasse a parte de cima, a gente ia ter que secar os tênis na fogueira, ou seria perigoso usar por tempo demais e dar pé de atleta e outras infecções fúngicas. A gente precisava tomar cuidado com infecções, e eu já tinha avisado Peppa.

A gente precisava evitar até mesmo cortes pequenos e arranhões, porque eu só tinha quatro comprimidos de amoxicilina, que roubei do armário do banheiro. Meu kit de primeiros socorros tinha emplastos, iodo, algodão, dois curativos, alfinetes, tesoura, pomada antisséptica e uns antidepressivos chamados Citalopram 30. Achei que poderiam ser úteis, se Peppa ficasse deprimida como a mamãe. Nunca pareceram fazer nenhum bem à mamãe, mas devia ser porque ela estava sempre tão bêbada que não fazia efeito. Tipo, não pode misturar antibióticos com álcool, porque o álcool impede que os antibióticos matem as bactérias que causam as infecções. Mas não tinha nenhum álcool com a gente, e nem teria, nem mesmo para fins medicinais.

Também tinha paracetamol, ibuprofeno e codeína, que é o melhor analgésico disponível sem receita, para o caso de nos machucarmos, termos uma distensão ou torcermos o tornozelo, ou eu ficar menstruada e ter cólicas. Estudei menstruação no sexto ano e já tenho treze anos, que é a idade que dizem que a maioria das garotas começa a menstruar. Ainda não tinha acontecido comigo, mas se planejar para problemas em potencial é parte importante da sobrevivência. Ah, e também dava para usar o musgo esfagno, que se espalhava por todo canto, como antisséptico em ferimentos, como faziam na Primeira Guerra Mundial.

Os peixinhos eram percas. O lago tem um nome em gaélico, acho que *Dubna Da*, e tem lúcios, percas, trutas-marrons e enguias. E a gente ia pescar todos com a vara de pesca que eu tinha roubado do Robert. Ele também devia ter roubado de outras pessoas.

Era uma vara telescópica de três metros, com assento de bobina de parafuso e bobina de carretel fixo Shimano, carregado com uma linha de 10lb. Eu também tinha outros materiais de pesca. Anzóis tamanho 10 e 12, chumbadas e alguns anzóis giratórios pequenos e iscas reluzentes em um pacote de plástico que roubei da loja de artigos para pesca. Eu também tinha duas iscas artificiais para lúcios e três linhas especiais de metal, que os lúcios não conseguem cortar.

Robert às vezes ia até a muralha no verão, pescar cavalas, e, uma vez, trouxe três. Mamãe gritou e ficou morrendo de nojo, e ele não sabia limpar ou cozinhar os peixes, e só ficou ali, balançando a pesca enquanto mamãe gritava e mandava que ele sumisse dali com aquelas coisas.

Então vi um vídeo no YouTube e limpei e assei os peixes com sal, e eu e Peppa comemos tudo enquanto mamãe e Robert estavam no Fishermen's. Estavam uma delícia e tinham um gosto meio doce.

O sol já estava alto, e fazia calor. Peppa pulou pelas pedras até a

praia, abriu o zíper do casaco impermeável e o largou em cima das pedras. Então pulou para a grama e começou a puxar os talos e a virar pedrinhas e seixos.

Ela é quase tão alta quanto eu e só tem dez anos, com pele cor de mel, que parece dourada sob o sol. O cabelo é crespo e afro, meio ruivo e ela tem sardas também. Acho que vai ser uma mulher muito, muito linda. Os dentes são muito brancos, e ela adora limpá-los e morder coisas. Uma vez, mordeu a mão do Robert, quando ele bateu na mamãe. Peppa levou um tapa tão forte que foi parar do outro lado da sala, e Robert a chamou de piranhazinha, e eu pulei em cima para impedir que Robert batesse nela de novo, e ele me chutou nas costas duas vezes, e tive um hematoma que ficou roxo e depois amarelo e precisei faltar à escola.

Eu faltava muito à escola. Ficava com medo de que mandassem o inspetor para me obrigar ir, mas nunca mandaram. Nosso apartamento ficava no segundo andar do edifício Linlithgow House. São três blocos, todos com nomes de palácios reais, em uma colina acima da cidade, e da varanda dá para ver a muralha e o mar. Os outros blocos em volta do paço são Falkland e Scone. Nosso interfone tinha pifado, e a gente não conseguia abrir a porta do prédio, mas era só empurrar a porta de baixo com o ombro. O corredor era azul-claro, com cheiro de mijó, e os drogados às vezes dormiam debaixo do primeiro lance da escada de concreto que a gente subia.

Peppa parou de chorar na mesma época que eu, quando tinha uns oito anos, e nenhuma de nós duas nunca mais chorou. Quando está zangada, ela olha para baixo e morde o lábio inferior, igualzinho a quando está correndo. E se está triste, coloco ela nos braços e a embalo.

— Sal... uma minhoca! — gritou ela, levantando uma minhoca que havia encontrado no chão.

Esses bichos dão iscas ótimas para percas e trutas-marrons e não são muito comuns em terrenos ácidos, como o da região onde estávamos sobrevivendo. Peppa saltou de volta pelas pedras, subindo a grande rocha do lago, e segurou a minhoca logo acima da água.

— Vamos ver se ele pega! — gritou para mim, antes de balançar o bicho dentro da água, segurando o corpo roliço nas pontas dos dedos.

Eu ia dizer que não adiantava nada usar a isca sem um anzol, mas algo se mexeu depressa na água, causando um respingo logo debaixo da minhoca. Peppa soltou um “desgraçado!” e me encarou com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Ele pegou! E era grande, Sal. Cata outra minhoca!

Pela primeira vez desde que tínhamos chegado, senti falta do meu celular. Queria ter filmado Peppa agachada ao sol naquela pedra, a água imóvel feito vidro, com um sorriso enorme e parecendo feliz. Decidi me lembrar daquele momento, caso não acontecesse de novo. O sol batia em seu rosto, e ela gritou:

— É bonito aqui, né?

Eu disse que era e pulei para a grama, arrancando tufo em busca de outra minhoca. Levou séculos, e a que encontrei debaixo de uma pedra estava achatada e avermelhada, e não sei de que espécie era. Saltei pelas pedras pequenas e pulei ao lado dela. Peppa já era uma especialista: ela pegou a minhoca e me ensinou, em uma voz cantarolada:

— É só balançar assim e deixar os peixinhos verem o rabo dela na água...

— Era pintado ou listrado? — perguntei.

— Pintado. Com manchas grandonas, douradas e vermelhas. O que é?

— Uma truta-marrom.

— Dá para comer?

— Dá. E dá para pegar com os anzóis giratórios.

— A gente devia ter trazido a vara de pesca. Por que esse peixe come os anzóis giratórios?

— Ele não come, só acha que são presas.

— Mas são de metal.

— É, mas brilham e parecem peixinhos quando giram.

Ela virou para mim e disse:

— Você sabe tudo.

— É, sei sim.

Mas a truta grande não voltou, então largamos a minhoca ali junto da rocha, e uma perca minúscula disparou para pegá-la. Ali seria um bom lugar para pescar, a gente ia voltar no dia seguinte com a vara.

Fomos subindo a encosta de novo, o sol já bem alto no céu. Peppa andou até a clareira das samambaias, onde a relva era mais verde e grossa, e instalamos uma armadilha. Dois coelhos saltaram do mato na nossa frente, disparando na direção das tocas, e Peppa saiu correndo atrás. Fiquei olhando enquanto ela disparava por entre as samambaias atrás dos coelhos, dois borrões marrons na frente dela, as bundinhas brancas despontando na relva.

Peppa parou de repente e gritou para mim que tinha um coelho em uma das armadilhas.

— Sal! Sal! Olha isso! — gritava ela, e eu corri para a clareira.

Era um coelho grande e comprido, preso perfeitamente pela garganta, dando pinotes e se contorcendo contra o arame e a cavilha.

— Eu persegui o coelho até ele entrar! Vi o coelho entrando! Tem sangue! — dizia Peppa.

Um círculo escuro de sangue escorria da garganta do coelho, onde o arame da armadilha apertava bem forte, e o sangue começou a esguichar e pingar em mim enquanto o coelho escoiceava e eu me ajoelhava ao lado dele. Eu nunca tinha matado nada, só Robert, mas

isso não me incomodava. Este seria nosso primeiro abate de sobrevivência, e eu tinha visto como fazer um monte de vezes na TV e no YouTube. Agarrei o coelho pela garganta e o levantei, puxando a cavilha da armadilha para cima. O bicho soltava um grito alto, meio chiado. Apertei o pescoço e o arame da armadilha e senti o sangue quente do coelho inundar meus dedos. Segurei as patas de trás, que não paravam de chutar, e as peguei com a outra mão, puxando com toda a força, até que senti um estalo debaixo dos dedos, em volta da garganta do coelho, que chiou e ficou duro, e depois mole.

— Cacete — disse Peppa.

— Olha a boca — repreendi.

Larguei o coelho na grama, que estremeceu uma vez quando bateu no chão, mas aí ficou imóvel. Era um coelho grande. Bastante carne e uma ótima primeira caça para nós. Eu me senti incrível.

Peppa acariciou o pelo do coelho e comentou:

— Nossa, ele está quente. É menino ou menina?

— Macho ou fêmea — corrigi.

— Tá. Macho ou fêmea?

— Macho. E vai ser o nosso jantar.

— Eu que fiz ele entrar, não foi?

— Foi, sim. Você enxotou os coelhos direitinho, como os índios Siú faziam com os búfalos.

— Foi? Me conta desses Siú.

— Mais tarde eu conto. De noite, na hora de dormir.

— Está bem — respondeu ela.

Subimos a encosta de novo na direção da mata mais fechada e do córrego, e carreguei o coelho pelas patas. Como era pesado. Aí lembrei que tinha que *desmijar* o bicho, então eu o segurei pela cabeça e passei a mão no corpo, pelo lado e por cima da barriga, e o mijo saiu pingando pelas patas dele.

Capítulo Dois

Tiros



Naquela tarde, fiz uma barreira posicionada atrás do fogo, para refletir o calor de volta para o abrigo, e Peppa treinou com o estilingue depois de acabar com os biscoitos. Com a faca Bear Grylls, dá para usar a lâmina de serra para cortar madeira, mas também dá para botar uma pedra em cima do galho como se fosse um martelo e bater com o lado cego da lâmina até o galho estar praticamente quebrado, aí é só arrancar da árvore. Usei galhos vivos de bétula na vertical, cortando as pontas em V e martelando com a pedra até afundarem na terra e ficarem mais ou menos um metro para fora do chão. Aí entrelacei galhos na horizontal, pelo meio, quase todos de bétulas menores, alguns gravetos de amieiro e de uma avelãzeira desfolhada perto do córrego. A barreira era meio curva e ia da frente do abrigo até uns dois metros atrás de onde a gente dormia, em uma cama elevada feita de estacas de bétula e de amieiro — que formavam uma cama muito macia e com isolamento térmico, além de deixarem um cheiro bom.

Peppa catou pedrinhas arredondadas no córrego e as usou como munição para treinar com o estilingue, e eu expliquei a ela o princípio da trajetória — conforme a velocidade do projétil diminui, a força da gravidade o puxa para baixo, e ele cai um tanto a cada metro que percorre, sendo que a velocidade da queda é diretamente relacionada à velocidade, então quanto mais lento o projétil estiver, mais rápido vai

cair. Se conseguir calcular em que ponto o projétil começa a cair, dá para fazer uma estimativa básica da sua posição em relação ao alvo, o que significa que dá para ajustar a mira do disparo relativa ao alvo, para o projétil estar na velocidade máxima quando atingir o que quer que seja. Mas também dá para alterar o ângulo da pontaria, mais para cima ou mais para baixo, para o projétil fazer uma trajetória ascendente, ou seja, subir, e depois uma trajetória descendente, ou seja, cair na direção do alvo. Isso significa que dá para ficar mais longe e calcular o ângulo ideal para atingir o alvo, só que quanto mais longe você estiver, mais alto precisa ser o ângulo da pontaria, então menos velocidade o projétil vai ter quando atingir o alvo.

Expliquei tudo isso sobre o estilingue e as trajetórias, e Peppa só me encarava e franzia a testa, até que então falou “Beleza, Sal” e começou a atirar pedras na caixa de biscoitos.

Depois de um tempo de prática, você consegue achar a distância ideal do alvo para garantir a velocidade necessária para um abate, a trajetória menos descendente e a distância necessária de um animal ou de um pássaro para não assustá-lo. Eu disse a Peppa para tentar encontrar essa distância ideal. Achei que, se a pedra furasse o papelão da caixa de biscoitos, provavelmente teria força suficiente para matar um coelho, um faisão ou uma perdiz, não importava a distância da qual ela estivesse atirando.

— Dá para matar um cervo? — perguntou Peppa.

E eu respondi que não, porque não tem como chegar perto o bastante de um cervo para que a pedra tivesse a força necessária. Cervos têm crânios duros. Mesmo que ela atirasse no pescoço, não teria muitas chances de furar a pele. Eu me perguntei se a arma de ar comprimido do Robert mataria um cervo. As balas perfuravam compensado de madeira de nove milímetros com dez bombeadas a uma distância de uns vinte metros, então eu achava que passaria pelo